



## 'Na Carrêra do Divino', o caipira ganha o palco

"Na Carrêra do Divino", última montagem do grupo teatral "O Pessoal do Victor" (Centro de Teatro da Unicamp), depois da estréia em Piracicaba e de alguns dias em cartaz em Campinas, chega a São Paulo para ser apresentada a partir de hoje, às 21 horas, no Teatro Eugênio Kusnet. Trata-se de uma nova experiência do grupo — que iniciou sua carreira em 1975, no Teatro Ruth Escobar, com a peça "Victor ou As Crianças no Poder", de Roger Vitrac —, que desta vez não trabalha sobre a adaptação de um texto estrangeiro, mas cria o seu próprio teatro.

Foi diante da quase inexistência de textos sobre o trabalhador rural de São Paulo, já que os autores quase sempre falaram do Nordeste quando o assunto era o homem do campo, que o "Pessoal do Victor" decidiu assumir o desafio de encontrá-lo em suas raízes e levá-lo ao palco, com todos os seus problemas.

Nem o camponês idealizado pelo teatro dos Centros Populares de Cultura (os antigos CPC), nem o bóia-fria da golabada cascão, já decantado pela música popular. "O caipira: este homem tão próximo e tão distante dos membros do grupo, na medida em que

todos nasceram em cidades do interior paulista, mas quase nada mais têm a ver com suas origens". Só que para falar dele era preciso arregaçar as mangas e se meter numa intensa pesquisa, redescobrimo-o, aprendendo suas músicas, revivendo sua arte, poesia e problemática.

Nos textos de Antonio Cândido, Cornélio Pires, Waldomiro Silveira e Amadeu Amaral; nas lembranças de cada um; nas entrevistas pelo interior; nas consultas com o historiador e professor Benedito Cleto, em Sorocaba, e com João Chiarini, folclorista e estudioso do cururu, em Piracicaba; na revisão da música sertaneja de Capitão Furtado e Nonô Basílio o grupo chegou a um material considerável, que trabalhado pelo dramaturgo Carlos Alberto Sofredini desaguou nesta peça. "E que agora pretende mostrar o homem caipira, aquele que é o camponês, que é o bóia-fria, que é também um estado de espírito, uma maneira de ser, próxima do indígena, da natureza, e cada vez mais distante de nós." Uma peça que deve ficar no Teatro Eugênio Kusnet durante um bom período e poderá ser vista de terça a sexta-feira, às 21 horas; sábado às 20 e 22,30 e domingo, às 18 e 21 horas.



Uma peça de teatro que retoma a música sertaneja